



GUSTAVO HENRIQUE SILVA VON AH

**Efeitos de sentido no discurso sobre o “futebol moderno”**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura, UFES, Campus Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientadora prof.ª Dra. Angela Derlise Stübe

Co-orientadora prof.ª Dra. Tamiris Gonçalves

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 29/03/2021.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.ª Dra. Angela Derlise Stübe (UFES)

---

Prof.ª Dra. Tamiris Gonçalves (PNPD-CAPES PPGEL UFES)

---

Prof.ª Ms. Irene Cristina Kohler

---

Prof.ª Ms. Stephane Terres Sanzovo

## EFEITOS DE SENTIDO NO DISCURSO SOBRE O “FUTEBOL MODERNO”<sup>1</sup>

Gustavo Henrique Silva Von Ah<sup>2</sup>

gvonah20@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo abordar a análise de efeitos de sentido produzidos no âmbito do discurso sobre futebol *moderno*. Para dar conta dessa produção de sentidos, a marca linguística que orientará a seleção do *corpus* é a repetibilidade do vocábulo *moderno*, que pode aparecer, inclusive, com outras formulações, mas que sustentam a produção de sentidos sobre *moderno*. Para tal, selecionamos duas reportagens que possuem abordagens pertinentes ao tema proposto para trabalhar como material empírico da pesquisa: a primeira (A) é denominada “O futebol *moderno* é chato sim”, e é pertencente à revista Carta Capital; a segunda (B) é intitulada “Futebol *moderno*, sim senhor! A seleção precisa disso” e é uma reportagem da ESPN. As duas matérias são veiculadas de forma on-line e estão disponibilizadas em seus respectivos *sites*. Dentro dessas duas reportagens, recortamos, metodologicamente, sequências discursivas em que o termo *moderno* aparece em menção direta, bem como a rede parafrástica que ele cria. A partir desse gesto de análise, percebemos duas regularidades existentes nos textos: a atribuição do termo *moderno* ao futebol a partir de discursos neoliberais; e a paixão pelo esporte relacionado ao velho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Discurso; Discurso Futebolístico; Produção de Sentidos; Moderno.

### Introdução

O futebol está presente na maior parte do mundo, em diversos países. O Brasil, por sua vez, pode ter sua imagem ligada às inúmeras formas de expressar-se culturalmente, como o carnaval e também o próprio samba, mas é, sobretudo, o futebol que descreve melhor o sentimento do brasileiro, que o faz aproximar-se de seu país. Não é à toa que o Brasil é conhecido mundialmente como o país do futebol, e, devido a essa particularidade, é possível pensar que o esporte é uma importante, se não a maior, manifestação cultural do país. Essa realidade possibilita identificar uma certa permutação entre as questões de linguagem das pessoas em seu meio social e o futebol, ou seja, podemos afirmar que o discurso futebolístico afeta o sujeito como indivíduo social tanto quanto o meio social afeta o discurso futebolístico desse certo indivíduo.

Quando observado mais a fundo, isso é facilmente identificado, por exemplo, nos usos do dia a dia de expressões originárias do futebol. Frases como “cheguei aos 45 minutos do segundo tempo”, para explicar algum atraso, ou “fui deixado para

<sup>1</sup>Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura (UFFS), *Campus* Chapecó, como requisito parcial para aprovação no CCR Trabalho de Conclusão de Curso II. Orientadora: Profa. Dra. Angela Derlise Stübe.

<sup>2</sup>Acadêmico da 9ª fase do Curso de Graduação em Letras Português e Espanhol – Licenciatura (UFFS), *Campus* Chapecó.

escanteio”, referindo-se aos extremos laterais de um campo de futebol quando alguém possivelmente foi deixado de lado, dentre outros. O contrário também é verdadeiro, pois é possível identificar palavras de uso comum no vocabulário futebolístico, como “carrinho” para explicar um dado movimento de jogo, “chocolate” para quando uma vitória foi por uma grande diferença de gols, jogador “pipoqueiro” para aquele atleta que não joga bem em específicas partidas e etc. Logo, percebemos essa grande relação existente entre o futebol e a linguagem.

Além dessa troca entre a linguagem cotidiana dos brasileiros e o discurso do meio futebolístico – o que reafirma a relevância social da presente pesquisa – igualmente destacamos a importância do tema no meio acadêmico. Quando buscamos nos canais pertinentes (portais da CAPES e SciELO) pelas palavras-chave existentes neste texto (Análise de Discurso; Discurso Futebolístico), não encontramos trabalhos que podem ser relacionados com este próprio. Portanto, a pesquisa também se justifica por se configurar de grande importância ao se tratar de um tema não encontrado em trabalhos acadêmicos, trazendo notoriedade e relevância no âmbito científico.

Assim sendo, o presente artigo tem como objetivo analisar efeitos de sentido que circulam no discurso futebolístico sobre o *moderno* em duas reportagens veiculadas na mídia nacional. Para isso, vamos analisar as discursividades presentes no texto com o intuito de encontrar regularidades que possam nos nortear na pesquisa. Além disso, vamos identificar redes de paráfrases que possam sustentar o discurso sobre o futebol à marca do *moderno*, sendo elas importantes para estabelecer as redes de sentido que vão aparecer no texto.

Primeiramente, destaca-se a reportagem da revista Carta Capital, denominada “O futebol *moderno* é chato sim” (A), de janeiro de 2019, disponível em plataforma on-line no *site* da própria revista, e, também, a reportagem do *site* ESPN, intitulada “Futebol *moderno*, sim senhor! A seleção precisa disso” (B), de agosto de 2016, também disponível em plataforma on-line. A pesquisa dá ênfase, então, nos efeitos de sentido do termo *moderno* atribuído ao esporte já mencionado, interpretando as regularidades presentes nos discursos das matérias selecionadas como materialidade da pesquisa.

É importante frisar que o gênero em que as duas reportagens estão escritas é

o *blog*, que, de acordo com Nívea Rohling da Silva (2006), é de veiculação digital, possui características pessoais e tem como intuito principal a fácil interação com o leitor, além de expressarem as próprias opiniões e visões de seus autores acerca do assunto, não necessariamente sendo a mesma opinião do canal em que são veiculadas.

Os textos selecionados são duas matérias que trazem, como tema principal, concepções atuais de futebol, ou seja, o que se entende, hoje, por futebol *moderno*. Os discursos produzidos por ambas as reportagens são sustentados por formações discursivas que circulam no âmbito esportivo e jornalístico. A autora da primeira reportagem (A) relata diversos acontecimentos e situações para sustentar seu posicionamento no que se entende por *moderno* no futebol atual, como mudanças na administração e prática do esporte, por exemplo, e através disso, é fundamental compreender quais interdiscursos ela acessa para escrever o texto, pois, analisando a plataforma em que a reportagem foi veiculada (on-line), identificamos que o público para o qual ela é destinada é principalmente político, de tendência de esquerda, já que esse é o viés adotado pela revista Carta Capital.

Assim como na primeira reportagem, que temos um texto voltado ao caráter político, em que é possível notar a presença marcada desse gênero na escrita, na segunda reportagem (B) o autor escreve para uma revista on-line que circula no meio esportivo, e, de mesmo modo, traz reflexões que vão percorrer o lado do esporte, correndo por esse viés por circular nesse veículo. Ela também será analisada a fim de compreender que sentidos o texto traz através da marca *moderno* no discurso futebolístico. Para tal, levaremos em consideração dois pontos importantes: os esquecimentos presentes nos textos, que vão possibilitar obter uma diferenciação entre o não-dito e o já-dito, de forma com que esses esquecimentos possam ser definidos como esquecimento enunciativo ou esquecimento ideológico; e o não-dito nas reportagens, a fim de estabelecer o resultado da relação da linguagem utilizada por ambos com a história e o meio social.

Para levar a cabo o objetivo pretendido, levaremos em consideração como principal referencial teórico a linha de pesquisa sobre Análise de Discurso (AD) de vertente francesa, apresentada pelo filósofo francês Michel Pêcheux, com base nos estudos trazidos por Eni P. Orlandi. Ao ingressar no campo teórico da AD, podemos

atribuir definições para inúmeros conceitos, no entanto, nossa pesquisa delimita-se aos que são pertinentes ao alcance dos objetivos, sendo eles: *discurso, formação discursiva, interdiscurso, memória e esquecimentos*.

Em relação à organização deste texto, ademais desta introdução, estruturamos seções para melhor ordenação das reflexões que a pesquisa traz. Para tal, iniciamos com a discussão teórica sobre os estudos da análise de discurso (AD), abordando os conceitos supracitados para contextualização do tema de pesquisa; em seguida, trazemos a apresentação do *corpus* de análise e, finalmente, apresentamos a análise detalhada das duas reportagens escolhidas.

## **2 Discussão teórica**

A partir de Orlandi (2015), iniciamos a discussão teórica com a noção de discurso. Compreendemos que a AD estuda a produção de sentidos que ocorre entre o sujeito, a língua e a história, pois, segundo a autora, podemos definir discurso como “efeitos de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2015, p. 20), e esses efeitos produzidos serão múltiplos e variados.

A relação dos sujeitos com seus respectivos discursos está carregada de sentidos afetados por seu contexto histórico e é exatamente por essa relação histórica que haverá sentido. Dependendo do contexto em que determinado sujeito está inserido, cria-se uma possibilidade de dizeres, sustentados por formações discursivas, conceito que será visto mais à frente, que afetam diretamente os sentidos que circulam o discurso desse sujeito.

Em decorrência disso, interpretamos que, para a Análise de Discurso, como já mencionado, não existe a possibilidade de entender o discurso sem considerar sua historicidade, e vice-versa. Pensamos aqui, portanto, na relação intrínseca existente entre a definição de discurso, atrelada à constituição de sujeitos e à produção de sentidos, com a história. Consequentemente, o discurso será um termo abrangente, cuja funcionalidade e significação dependerá de um determinado contexto referido.

E isso nos será pertinente para o andamento da pesquisa em questão, pois trabalharemos essa definição ao analisar o *corpus*, de forma a encontrar os sentidos que circulam nos textos.

A partir da definição de discurso, percebemos a importância de compreender a relação do sujeito e seu contexto histórico. Ao afirmar que o sentido de uma palavra ou expressão, em si mesmo, não poderá existir, Pêcheux (1995) nos dá uma ideia de como se dá o funcionamento dessa relação. Segundo o filósofo, os sentidos das palavras e/ou expressões são determinados “segundo as posições sustentadas por aqueles que a empregam.” (PÊCHEUX, 1995, p. 160). Isto é, compreendemos que os sentidos empregados às palavras e expressões se darão “em referência às formações ideológicas” pelas quais o sujeito é interpelado. O filósofo afirma:

[...] o sentido de uma palavra, uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: as palavras, expressões e proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência às formações ideológicas (no sentido definido mais acima) nas quais essas posições se inscrevem. (PÊCHEUX, 1995, p. 160).

Com essa afirmação, Pêcheux (1995), por um lado, explica que formação ideológica é responsável pela mudança de sentidos das palavras e expressões, sustentada pelo sujeito, e por outro, dá entrada na discussão das chamadas *formações discursivas* (FD), que são importantes para o seguimento da pesquisa. Compreender a noção da FD facilitará a interpretação de como se forma produção dos sentidos, pois ela “se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.” (ORLANDI, 2015, p. 41). Ou seja, as FDs podem regular o que o sujeito pode e deve dizer. Ainda, para Pêcheux (1995), “diremos que os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes.” (PÊCHEUX, 1995, p. 161).

Dessa maneira, é correto afirmar que uma palavra, expressão ou proposição não terá estabelecido um sentido que lhes seja específico; e ocorre de haver o mesmo sentido, dentro de uma formação discursiva, para palavras, expressões ou proposições que sejam diferentes. Isto, segundo o autor, é “a condição para que cada elemento seja dotado de sentido” (PÊCHEUX, 1995, p. 161).

A partir desse entendimento, Orlandi (2015) completa com o que chamamos de interdiscurso, que se configura como um conjunto de todas as formações discursivas, possibilitando que, ao falar, este sujeito possa alternar uma FD à outra. Isto é, para a Análise de Discurso, consideramos o interdiscurso como o já-dito, como a possibilidade de dizer. Como escreve Orlandi: “o interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação à outra. Dizer que a palavra significa em relação a outras é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória.” (ORLANDI, 2015, p. 43-44).

O sujeito irá, portanto, se apropriar de discursos já-ditos. Logo, ele estará se deslocando dentre um conjunto de formações discursivas já existentes, ocorrendo uma ressignificação do sujeito em uma situação discursiva, isto é, como anteriormente mencionado, ele se apropria de um discurso que, agora, significa de acordo com as posições sustentadas por ele, que é o sujeito que o emprega. Para que este fenômeno ocorra, é necessário que o que foi dito seja esquecido e, assim possa ressignificar nas palavras de outro sujeito. Pêcheux (1995) completa que é através do interdiscurso, como enunciado há pouco, que “todo sujeito se ‘reconhece’ a si mesmo (em si e em outros sujeitos)” (PÊCHEUX, 1995, p. 161-162).

Seguindo essa reflexão, entramos numa próxima concepção importante para a AD. Quando tratamos da memória discursiva, devemos saber que ela faz uma ligação direta com o interdiscurso, pois assim como “toda palavra é sempre parte de um discurso”, sabemos que “todo discurso se delineia na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória.” (ORLANDI, 2015, p. 43). Ou seja, é a memória que possibilitará os dizeres. Devemos compreender, portanto, a memória discursiva como tudo aquilo que já é presente, independentemente do contexto em que significa. Ela dará sua possibilidade de significado ao que é dito, isto é, sustentará e disponibilizará dizeres que o sujeito utilizará em determinada situação discursiva, atribuindo a ele um significado.

Dessa maneira, o deslocamento que ocorre de uma formação discursiva à outra é determinado pela memória, que age como interdiscurso, disponibilizando dizeres ao sujeito, que irá se apropriar de um já-dito. Contudo, existe, também, na AD, um conceito que auxiliará nossa compreensão acerca dos processos de

atribuição de sentidos às palavras. Entramos, agora, no âmbito dos funcionamentos dos esquecimentos, distinguidos por Pêcheux (1995) em duas formas: o número um, chamado de esquecimento ideológico e o número dois, conhecido por esquecimento enunciativo.

O primeiro esquecimento é da ordem do que é inconsciente, isto é, quando o indivíduo acredita ser a origem do que diz, ele estará, inconscientemente, se baseando numa ilusão de ser o primeiro a dizer ou significar o que disse. O sentido do que é dito, portanto, será afetado pela ideologia que o sustenta, aí estará o esquecimento ideológico; ou, como coloca Orlandi: “eles [os sentidos] são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade” (ORLANDI, 2015, p. 35). Este fato ocorre porque entramos no processo discursivo enquanto ele já existe.

Dando sequência, tratamos do segundo esquecimento: o enunciativo. Este nos traz a ideia de que tudo que é dito poderia ter sido feito de outra maneira. Existe, de acordo com Orlandi (2015), uma chamada “ilusão referencial”, que nos faz crer existir somente a forma de dizer com as palavras que usamos. Portanto, é através de “famílias parafrásticas” que identificamos esse esquecimento, pois, por ser semi-inconsciente, poderemos retornar a essas famílias para buscar sinônimos e paráfrases para que possamos melhor caracterizar o que dizemos.

Consequentemente, podemos afirmar que os esquecimentos são peças fundamentais da construção dos sentidos e sujeitos, são uma necessidade para a linguagem funcionar. O sujeito irá “esquecer” o que foi dito para se identificar em sujeito. Sobre isso, conclui Orlandi: “é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se organizassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando sempre de muitas e variadas maneiras”. (ORLANDI, 2015, p. 36).

Em continuidade, ao pensarmos na significação do que é dito, falamos diretamente da interpretação feita pelo indivíduo, isto é, somente há sentido porque há interpretação. Orlandi (2015), nesses termos, mostra a existência da, novamente, ideologia; esta guiará o sujeito ao interpretar, colocando-o na relação imaginária com seu contexto social, sendo, então, a que relaciona o mundo com a linguagem. Nesse sentido, há essa formação imaginária justamente porque se relaciona com discursos



já-ditos anteriormente. Posto isto, entendemos que a ideologia, conforme Orlandi (2015):

[...] faz parte, ou melhor, é a condição para a constituição de sujeito e dos sentidos. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer. Partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos, M. Pêcheux diz que sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências 'subjetivas', entendendo-se 'subjetivas' não como 'que afetam o sujeito' mas, mais fortemente, como 'nas quais se constitui o sujeito'. (ORLANDI, 2015, p. 46).

Após essa breve conceitualização da teoria da Análise de Discurso, passaremos à análise das reportagens. Na seção que segue, pretendemos apresentar as duas reportagens elegidas como *corpus* desta pesquisa.

### 3 Apresentação do Corpus

Para constituir o *corpus* da pesquisa, selecionamos duas reportagens como material empírico para estudar a relação dos sujeitos com a marca discursiva *moderno* em sequências discursivas recortadas, no intuito de perceber as redes de sentidos que se formam através das FDs que estarão presentes nesses textos. Entendemos que separar desse modo será importante pois as sequências discursivas podem ser consideradas estruturas que “o falante dispõe na língua para organizar o seu discurso” (BACK et al., 2004, p. 1), e, por este motivo, poderemos identificar com maior clareza quando destacado dessa forma. Em detrimento disso, este capítulo destina-se à apresentação do objeto de análise da pesquisa. Para tal, separamos o material empírico em Reportagem A<sup>3</sup> e Reportagem B<sup>4</sup>, sendo ele, assim, constituído dessas duas reportagens, e, a partir desse material, foram recortados, metodologicamente, sequências discursivas.

A Reportagem A, intitulada “Futebol *moderno* é chato sim”, de Taísi Bech

<sup>3</sup>Anexo 1 – Reportagem A: Futebol moderno é chato sim. A paixão pelo esporte perdeu espaço para uma indústria bilionária dominada por ganância, exibicionismo e elitismo. De Taísi Bech Sorrini, 8 de janeiro de 2019. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/futebol-por-elas/o-futebol-moderno-e-chato-sim/>>. Acesso em 20 de out. 2019.

<sup>4</sup>Anexo 2 – Reportagem B: Futebol moderno, sim senhor! A seleção precisa disso. De Gustavo Hofman, 30 de agosto de 2016. Disponível em: <[http://www.espn.com.br/blogs/gustavohofman/626778\\_futebol-moderno-sim-senhor-a-selecao-precisa-disso](http://www.espn.com.br/blogs/gustavohofman/626778_futebol-moderno-sim-senhor-a-selecao-precisa-disso)>. Acesso em 20 de out. de 2019.

Sorrini, é uma matéria redigida de forma on-line no gênero *blog*, e é disponibilizada pelo portal da revista Carta Capital, um *site* de viés político, que tem por público-alvo, em sua maioria, leitores que buscam informações políticas. Por se tratar de um *blog*, a escritora refletirá não necessariamente a opinião desse portal em que foi veiculada, mas, sim, seus próprios pressupostos. A matéria foi publicada em janeiro de 2019, contexto relativamente atual diante da produção do presente estudo (março de 2021).

O texto aborda processos nos quais o futebol tem envolvimento, sendo eles aspectos técnicos, financeiros e de entretenimento, que vão desde o modo como os profissionais se comportam durante sua prática à maneira como lidam com a fama, o que iria além dos limites do campo propriamente dito, do momento em que o jogo ocorre. Inclusive, a autora escreve sobre a evolução que o futebol vem sofrendo com o passar dos anos em algumas particularidades que afetam a maneira pela qual as pessoas envolvidas – sejam elas torcedoras, atletas, jornalistas, investidores – percebem o esporte atualmente. Como veremos, essas particularidades podem ser vistas nas mudanças na execução de jogadas e nas novas formações de treinamentos, quando se diz respeito ao esporte em si, como também, na área administrativa, na adoção de novas gestões que visam lucro, publicidade e retorno político.

Essas especificidades ocorrem, conforme as suposições realizadas a partir do texto A, pela observação do esporte ter desenvolvido uma modelagem *moderna*, definição, que pode ser vinculada com nossa percepção de *moderno*, de acordo com Peters (2000), em que vemos que, a partir de uma determinada ruptura do velho com o novo no tempo, podemos compreender uma linha evolutiva, garantindo, com a ideia apoiada em uma crença do avanço do conhecimento que o que vem depois, seria evoluído, ou melhor.

Nesse viés, a reportagem A tem como alicerce se basear nos avanços que a atualidade trouxe ao futebol, explicando a sua transformação em um mercado que movimenta uma quantidade considerável de dinheiro devido ao investimento pela maior visibilidade, por meio do aumento das propagandas, resultando assim, na valorização dos salários dos atletas. No texto, destacamos a importância à menção dos avanços no âmbito financeiro, que engloba toda uma estrutura lucrativa,

partindo da modernização dos estádios, construções de arenas que visam o espetáculo, em que os torcedores devem ficar sentados e não mais em pé, diferentemente de como era antigamente, seguindo uma tendência europeia que destoa do modo como ocorre no Brasil.

Conforme o texto, os torcedores são compreendidos como consumidores do produto futebol, e a reportagem dialoga sobre as novas responsabilidades que esses profissionais adquirem, uma vez que, com esse avanço, os produtos e os ingressos aumentaram significativamente seus preços, determinando uma barreira social que torna o futebol um esporte de elite.

Seguindo a linha da primeira, a Reportagem B (Anexo 2) também está no âmbito do futebol *moderno*. Intitulada “Futebol *moderno*, sim senhor! A seleção precisa disso”, de Gustavo Hofman, do mesmo modo que a reportagem A, está disponível em plataforma on-line, no *site* do canal esportivo ESPN. Também escrita em gênero *blog*, a segunda reportagem forma diferentes sentidos ao leitor. Por estar focada na execução do futebol como esporte, é possível notar, inclusive, sugestões e comentários acerca de escalações e formações táticas. Seguindo, ainda, a linha da opinião do autor e não obrigatoriamente a do veículo que a publica, há, nessa notícia, uma abordagem mais técnica em relação à prática do esporte. Além disso, o texto traz projeções de jogadas que, na visão do autor, fazem parte do modo *moderno* de se jogar, levando a entender sua opinião favorável à roupagem atual do esporte, indo ao encontro e em concordância com o título da reportagem.

Postada em agosto de 2016, ela é escrita em um período que marca a mudança do treinador da seleção brasileira de futebol masculino, e é essa mudança que motiva a percepção de uma modelagem *moderna* na seleção do Brasil, porque se trata de uma ruptura com o método antigo, isto é, ao trocar de treinador, compreende-se que novas ideias e novos métodos serão aplicados, e, por isso, haverá uma roupagem *moderna* na caracterização do esporte. O texto, dessa maneira, parte para o lado mais técnico do futebol, descrevendo formações táticas, citando jogadores e possibilidades de jogo, como uma espécie de sugestão ao novo treinador da seleção brasileira. Ademais, a reportagem aborda a importância da modernização para a estrutura externa ao jogo, como o envolvimento de profissionais de imprensa quanto aos comentários e análises que farão, como

também os torcedores, no papel de espectadores críticos do futebol.

Considerando o exposto, da ideia geral expressada na materialidade das duas reportagens, entendemos sua escolha como pertinente uma vez que permitem o diálogo do futebol com o *moderno*, possibilitando delimitar sequências que mobilizam redes de sentidos sobre o *moderno*. Ambas se destacam, pois seus textos marcam uma ruptura entre o velho e o novo e abrem espaço para discussões acerca dessa dinâmica “futebol *moderno*, sim ou não?”.

Embora a data das publicações sejam diferentes, elas estão inseridas no mesmo contexto de tempo quanto ao que se diz *moderno* no discurso futebolístico, que está presente com frequência em debates jornalísticos. A ruptura entre o que é velho e o que é *moderno*, se é bom ou se não é, está presente nesse campo da linguagem, e isso encaminha o *corpus* como relevante para a análise desta pesquisa. Assim, a abordagem dos dois textos no que se diz respeito à marca discursiva *moderno*, se dá por diferentes FDs, mas que se relacionam na totalidade. Devido a esse mérito, destacamos a importância deste *corpus* como nosso objeto de estudo.

Em razão disso, vamos analisar as reportagens a fim de encontrar quais sentidos elas movimentam sobre o *moderno* de forma a nos ajudar a compreender as formações discursivas que os formam no âmbito do discurso futebolístico. Além disso, os textos articulam paráfrases do sentido de *moderno*, relacionadas às FDs presentes dentro de todo o contexto do esporte, tornando pertinente estabelecer essa rede parafrástica de modo a compreender como se dá essa relação, constituindo a oportunidade de entender sentidos em jogo na linguagem em uso.

Na sequência, percorremos as reportagens com a intenção de destacar os recortes que remetem ao uso do termo *moderno*, bem como situações em que ele aparecerá em forma de paráfrases, a partir da rede de sentidos do texto. Assim, organizamos uma tabela para cada texto em análise. Em duas colunas, cada uma das tabelas traz: a) um código alfanumérico, em que a letra indica a reportagem (A ou B) e o número indica a SD em questão; b) a transcrição da SD em si, com a indicação dos sentidos para *moderno* destacados em negrito. Dessa maneira, a sequência ASD1 significa, por exemplo, que estamos focalizando a reportagem A e mostrando a SD1, cuja análise se desenvolve a partir da observação dos sentidos

em relação aos termos negritados, sempre compreendidos no todo de cada reportagem e meio ao contexto maior em que cada uma delas foi veiculada.

Salientamos, ademais, que sempre haverá outras possibilidades de sentidos presentes no texto. Chegamos a essa interpretação através do nosso gesto de análise e com o apoio do nosso aporte teórico antes mencionado, sendo a língua aberta a inúmeras possibilidades de sentidos.

Vale ressaltar, ainda, que a tabela traz a numeração referente à ordem em que as SDs aparecem no texto, não sendo necessariamente a mesma em que elas serão citadas na análise, podendo, inclusive, aparecer em mais de uma oportunidade. Logo, apresentamos a seguir a tabela relativa à reportagem A:

Quadro 1: Futebol *moderno* é chato sim

ASD1	O futebol <b>moderno</b> é chato sim. A paixão pelo esporte perdeu espaço por uma <b>indústria bilionária</b> dominada por <b>ganância, exibicionismo e elitismo</b> .
ASD2	Nos últimos anos, o esporte centenário que fascina multidões, ganhou uma <b>roupagem</b> mais moderna, <b>técnico, sério e profissional</b> demais; e o verdadeiro “futebol arte” foi ofuscado pela <b>elitização, mercantilização e espetacularização</b> . E, sinceramente, tornou-se bastante chato.
ASD3	Desde a década de 80 o futebol moderno vem ganhando força dentro e fora dos gramados do mundo. Não só tecnicamente, mas principalmente pelo fato do esporte que antes era agregador e democrático, ser hoje uma <b>indústria bilionária</b> dominada por <b>ganância, exibicionismo e elitismo</b> .
ASD4	As arenas tornaram-se uma <b>barreira social</b> e <b>excluíram os torcedores</b> sem condições financeiras de participarem da festa, calando seus gritos de amor pelo time. A torcida, hoje mais <b>consumidora</b> do que <b>incentivadora</b> , deixou de ser aquele décimo segundo jogador em campo capaz de determinar o resultado final de uma partida.
ASD5	Além disso, em campo, a <b>tecnificação</b> do futebol também contribuiu para engessar e tornar os jogos impressionantemente <b>tediosos</b> . Os comandantes de terno e gravatas, que não perduram mais que três derrotas no clube, mergulham em cursos profissionalizantes e se munem de tablets e aplicativos para avaliarem a <b>eficiência</b> do seu time enquanto a bola rola.
ASD6	A vaidade, a ganância e o egoísmo, atualmente, também são marcas registradas entre jogadores e comissões técnicas, que promovem um

	futebol mais <b>individualista, marqueteiro e mimado</b> . E a cada partida, o esporte apaixonante vê sua chama se apagar e o coração de seus torcedores baterem de maneira <b>menos vibrante</b> . A cada minuto, o futebol está mais <b>frio, distante e vendido</b> .
--	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Entendemos que os trechos devem apresentar-se organizados, de forma que sejam claros. Assim, com o intuito de facilitar a organização da seção sucedente, a tabela anterior traz trechos retirados da reportagem A. Metodologicamente, buscamos, nos textos, passagens que fazem menção ao termo, ou seja, separamos as sequências discursivas (SDs) que reiteram a presença do recorte discursivo do *moderno*. Além disso, também, destacamos, em negrito, a rede parafrástica que traz a mesma marca linguística. Dessa forma, ambos os textos fornecem sequências discursivas que nos mostram o que pode e deve ser dito, para eles, sobre o futebol *moderno*, e serão analisadas à luz do referencial teórico em questão.

Vejamos a segunda tabela, referente à reportagem B:

Quadro 2: Futebol *moderno*, sim senhor! A seleção precisa disso

BSD1	Futebol <b>moderno</b> , sim senhor! A Seleção precisa disso.
BSD2	Perde e pressiona, <b>intensidade, triangulação, posicionamento defensivo, posse de bola, pressão alta, superioridade numérica</b> . Estes são termos muito usados para explicar o futebol moderno, e a tendência é que ganhem espaço no dicionário da Seleção Brasileira a partir da era Tite <sup>5</sup> .
BSD3	Apesar do título provocador deste texto, espero sinceramente que o preconceito existente em relação a termos <b>modernos</b> para analisar futebol acabe. Porque, também, resulta em críticas injustas e infundadas a coletivas de imprensa de alguns profissionais.

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Esta segunda tabela traz as sequências discursivas selecionadas da reportagem B, de modo a, também, destacar, em negrito, os termos referentes ao

<sup>5</sup>Técnico da seleção brasileira de futebol masculino em 2021.

*moderno*, bem como a rede parafrástica que os relaciona. Os termos negritados em questão servem de material para ajudar a compreender os sentidos que emergem no discurso futebolístico quando se fala sobre o *moderno*, isto é, sobre o futebol *moderno*, além de ajudar a perceber quais interdiscursos as SDs acessam.

Isso posto, a partir da descrição das SDs anteriormente organizadas, observamos duas grandes regularidades (1 e 2) presentes nas reportagens. São essas duas regularidades: 1) a atribuição de *moderno* a um futebol como uma empresa, futebol mercado; e 2) a atribuição de *moderno* à paixão pelo futebol velho em ruptura com o novo. Elas serão destacadas como dois eixos, e iniciarão o capítulo de análise, que seguirá a partir desse.

#### **4 Uma análise sobre o moderno no discurso futebolístico**

Neste capítulo, objetivamos analisar as sequências discursivas separadas metodologicamente nas tabelas supracitadas, de forma a facilitar e organizar, conforme previamente comunicado. Visamos compreender, a partir do referencial teórico que ampara este trabalho, como o discurso sobre *moderno* se sustenta nessas reportagens, como elaboram e relacionam as formações discursivas presentes em seus discursos. Portanto, pretendemos encontrar quais sentidos os textos articulam em relação ao *moderno* no discurso sobre o futebol.

Assim, para compreender as discursividades que atravessam o discurso sobre o futebol e sua relação com o termo *moderno*, é importante problematizar os sentidos atribuídos pelo texto nas sequências discursivas que analisamos, sendo assim, problematizar as regularidades encontradas ao longo das reportagens, e destacar os sentidos que emergem no fio do discurso futebolístico presente nos textos. Para isso, abriremos as seções a seguir, intituladas Eixo 1: Futebol *moderno* como rede de interesses mercadológicos e Eixo 2: Paixão pelo futebol velho em ruptura com o novo.

##### **4.1 Eixo 1: O futebol moderno como rede de interesses mercadológicos**

Nesta seção, abordamos sobre a primeira regularidade de análise encontrada no *corpus* dessa pesquisa. Para dar sequência, precisamos de algumas ponderações acerca de como entendemos o termo *moderno*. Primeiramente, é inevitável, ao utilizarmos essa palavra, depararmos com os sentidos de *modernismo* e *modernidade*, que serão encontrados juntos ao se tratar do significado do termo. Por este motivo, entendemos a necessidade de adotar uma acepção que mais se aproxime do contexto em que se encaixa a pesquisa. Para isso, vamos eliminar a primeira acepção que Peters (2000) traz para o termo, que remete a “movimentos artísticos dos meados do século XIX” (PETERS, 2000, p. 12), compreendendo que essa não se relaciona com nosso objetivo.

Chegamos então ao conceito que nos interessa. A palavra *modernismo* traz um entendimento histórico e filosófico, que, claramente, fará menção ao termo *moderno*. Este termo, portanto, traz a ideia de uma determinada ruptura com o velho, dando lugar a algo novo. Isto é, para Peters (2000), a ideia de *moderno* destaca uma “ruptura autoconsciente com o velho, o clássico, e o tradicional, dando ênfase no presente, no novo.” (PETERS, 2000, p. 12). Percebemos que algo não necessariamente precisa ter muito tempo de existência para, aqui, ser considerado velho; basta apenas estar situado na parte anterior a essa ruptura, ou em outra formação discursiva.

Retornando às análises, observamos que com o passar dos anos, o futebol tem se tornado um dos esportes que mais movimentam o mercado financeiro, visto a exemplo do campeonato nacional da Inglaterra, que faturou 33 bilhões de reais no ano de 2019<sup>6</sup>. É possível ver, na mídia, matérias que abordam o crescimento do número de jogadores com contratos milionários, transações entre clubes que só aumentam valores de ano a ano, contratos de TV que chegam na casa dos bilhões e até mesmo os próprios clubes, de maioria europeus (onde se concentra os clubes mais valiosos devido a valorização da moeda local) e alguns de outra parte do mundo, sendo adquiridos por empresários, com o intuito de, por muitas vezes, gerar

<sup>6</sup>Premier League faturou R\$ 33 bilhões e foi campeonato mais rico de 2019, mas tem ameaça bilionária com COVID-19. Informação disponível em: <[https://www.espn.com.br/futebol/artigo/\\_/id/7032940/premier-league-faturou-r-33-bilhoes-foi-campeonato-mais-rico-2019-mas-tem-ameaca-bilionaria-covid-19](https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/7032940/premier-league-faturou-r-33-bilhoes-foi-campeonato-mais-rico-2019-mas-tem-ameaca-bilionaria-covid-19)>. Acesso em: 27 fev. de 2021.



lucro, e, por outras, adquirir maior projeção de sua imagem com a publicidade que o esporte proporciona.

Isto é possível de ser encontrado, por exemplo, no caso da empresa Red Bull<sup>7</sup>, empresa austríaca, que possui times de futebol de destaque para sua marca em diferentes países ao redor do mundo, como na Alemanha, na própria Áustria, nos Estados Unidos e, recentemente, no Brasil. Atualmente, essa dinâmica que define essa nova roupagem para o futebol tem sido cada vez mais comum, o que transforma o esporte em um mercado de maior visibilidade. Suscitando esse universo, vejamos a primeira sequência discursiva, ASD1, retirada da manchete da reportagem A:

ASD1: “O futebol **moderno** é chato **sim**. A paixão pelo esporte perdeu espaço por uma **indústria bilionária** dominada por **ganância, exibicionismo e elitismo**.”

Podemos iniciar a análise da ASD1 percebendo a marca da palavra **sim** presente logo no início do enunciado. Gramaticalmente classificada como advérbio de afirmação, a palavra está sendo usada como resposta para alguma argumentação contrária, sem que ela esteja sendo feita, estabelecendo uma conversa com outros discursos. Isso ocorre pois, segundo Orlandi (2015), a memória discursiva, aqui funcionando como interdiscurso, disponibiliza dizeres que sustentam o que a autora escreve. Existe, portanto, uma retomada de discursos sociais anteriores, de FDs relacionadas ao futebol como fundamento para o início do posicionamento contrário do texto, isto é, no texto, “o futebol **moderno** é chato **sim**.”

Logo na sequência do recorte, o texto apresenta a justificativa para o **sim** que está empregado na primeira frase. O trecho “a paixão pelo esporte perdeu espaço por uma **indústria bilionária** dominada por **ganância, exibicionismo e elitismo**” estabelece uma relação de explicação com o primeiro, representado logo na manchete da Reportagem A. Essa justificativa que ocorre entre as duas frases marca o sentido produzido para **moderno** na ASD1, e estabelece uma rede de paráfrases sobre o que pode ser dito, para o texto, sobre o **moderno**, sendo

<sup>7</sup>Empresa multinacional influente de bebidas energéticas e de marca notória em todo o mundo fundada em 1984, tendo vendido cerca de 8 bilhões de latas de bebida energética no ano de 2020. Informação disponível em <<https://www.redbull.com/br-pt/energydrink/empresa-red-bull>>. Acesso em: 27 fev. de 2021.

destacadas pelas palavras **ganância, exibicionismo e elitismo**.

Podemos interpretar, seguindo as palavras negritadas anteriormente, que a rede de sentidos em que elas estão atreladas são relacionadas às formações discursivas do âmbito político, atribuindo características de cunho social. Quando se caracteriza o futebol como indústria, retoma formações imaginárias de processos discursivos ocorridos há alguns anos, quando ele era visto somente como “arte”, trazendo uma série de dizeres esquecidos e formações discursivas da época. Vejamos:

*ASD2: Nos últimos anos, o esporte centenário que **fascina multidões**, ganhou uma **roupagem mais moderna, técnico, sério e profissional demais**; e o verdadeiro “futebol arte” foi ofuscado pela **elitização, mercantilização e espetacularização**. E, sinceramente, tornou-se bastante chato.*

Em vista do propósito de justificar a negação ao futebol *moderno*, o texto segue por formações discursivas de campo político para a argumentação a fim de sustentar essa afirmação contrária, uma vez que a revista Carta Capital, o *site* em que o *blog* é veiculado, tem como predominância assuntos políticos e especificamente marcados por uma tendência de esquerda, popular e não elitista, indo contra a visão mercadológica do futebol *moderno*, por entender que esse futebol é delimitado para alguns, para os que podem pagar pelo espetáculo, para a elite. Por isso, para “além das quatro linhas”, linguagem comum entre jornalistas esportivos, destacam-se essas formações discursivas com base na influência da mercantilização do futebol, que levam a entender que a justificativa para o esporte com roupagem *moderna* ser chato é o modo como ele evoluiu adquirindo esse aspecto de mercado, como **indústrias bilionárias** que somente visam o lucro e não mais o entretenimento, conforme a tensão entre futebol arte e futebol *moderno* presente na ASD2.

Na sequência discursiva em análise, portanto, percebemos a presença de um discurso neoliberal que segue a perspectiva de destacar as notícias de forma política da revista em que a reportagem foi publicada, indo contra esse aspecto neoliberal, pelo fato de o *site* ser de tendência de esquerda. Através desse pensamento, devido

ao discurso sobre a mercantilização do esporte atrelá-lo a um livre funcionamento do mercado, possibilitando aos clubes e às grandes empresas que os administram cuidarem de seus próprios lucros e, também, pela grande onda de privatizações dos clubes, chamados agora de clubes empresas, entraremos em redes de sentido atreladas ao pensamento neoliberal. Essa ideia de “futebol mercado” está sendo reforçada na ASD3:

*ASD3: Desde a década de 80 o futebol **moderno** vem ganhando força dentro e fora dos gramados do mundo. Não só tecnicamente, mas principalmente pelo fato do esporte que antes era agregador e democrático, ser hoje uma **indústria bilionária** dominada por **ganância, exibicionismo e elitismo**.*

Essa marca de política neoliberal é reforçada pela característica apontada no final da sequência discursiva. Etimologicamente, as palavras que carregam o sufixo *-ismo*, na língua portuguesa, podem seguir determinadas regularidades de significados<sup>8</sup>. Para o contexto que estamos analisando, com as palavras **exibicionismo e elitismo**, entendemos que pode haver uma ideia pejorativa, de doença, como algo ruim. A seguir pelos exemplos de palavras como tabagismo, alcoolismo, reumatismo, consumismo, analfabetismo e etc. Isso ocorre pois uma das características da concepção neoliberal de mercado, segundo Marcos Roberto Godoi (2011) em um artigo encontrado no portal CAPES que relaciona o neoliberalismo com o futebol, é justamente delegar as responsabilidades sociais a terceiros (empresas privadas), enxergando como normal que haja desigualdade, pois o lucro (sucesso) é dado através do esforço de cada um. Sendo assim, fica compreendido que os clubes podem estabelecer, por exemplo, seus próprios preços a seus produtos e ingressos para jogos, o que remete a uma exclusão da população de baixa renda, segregando o futebol à elite somente. Vejamos, então, a próxima sequência discursiva:

*ASD4: As arenas tornaram-se uma **barreira social e excluíram os torcedores sem condições financeiras** de participarem da festa, calando seus gritos de amor pelo*

<sup>8</sup>Informação disponível na página do Dicionário Online de Português, em: <<https://www.dicio.com.br/ismo/>>. Acesso em 05 mar. de 2021.

*time. A torcida, hoje mais **consumidora** do que **incentivadora**, deixou de ser aquele décimo segundo jogador em campo capaz de determinar o resultado final de uma partida.*

A ASD4 dialoga com a ideia mencionada anteriormente. O trecho “*a torcida, hoje mais **consumidora** do que **incentivadora**” reforça o início da sequência discursiva, que traz a existência de uma **barreira social** que exclui os **torcedores sem condições financeiras**. Dessa vez, o discurso neoliberal traz, em paráfrase, a ideia das Arenas, que substituem os antigos Estádios, como grande responsável por essa segregação, devido a necessidade de aumentar os valores dos ingressos para sustentar os contratos milionários e longínquos com as construtoras.*

Muito distante do modelo de gestão anterior, essas novas Arenas tomam maiores proporções por abrangerem uma série de outras novas atribuições vinculadas ao clube que elas pertencem. Podemos citar o exemplo de um clube brasileiro que teve suas finanças aumentadas de forma significativa a partir do contrato assinado com uma empresa construtora. O Palmeiras, clube da cidade de São Paulo-SP, tem sua receita espelhada nos moldes europeus, tendo um contrato de décadas com a empresa WTorre. Além de proporcionar ao torcedor maior comodidade, o foco principal da modernização dos estádios em Arenas é obter mais alternativas para gerar lucro, como por exemplo *shows* de cunho artísticos.

É importante perceber que essa modernização dos estádios vai diretamente ao encontro do que vimos na ASD4, e retoma discursos das sequências discursivas anteriores. Ao lembrar das Arenas, na SD em análise, o texto busca os sentidos que se relacionam entre os trechos, pois o impacto desses novos contratos milionários são refletidos nos preços de produtos e, conseqüentemente, nos ingressos para assistir às partidas, e isso limita o espetáculo (transformação do esporte) às classes sociais de melhor poder financeiro, ou seja, à elite. Então, nessa SD, o que pode ser dito sobre o *moderno* no futebol é que ele é elitista e cria uma **barreira social** que afasta os **torcedores sem condições financeiras** dos estádios.

Podemos evidenciar, desse modo, a presença de uma ligação entre as sequências discursivas, que estabelecem uma rede de paráfrases que sustentam que o que pode ser dito no âmbito do *moderno* no discurso futebolístico é que essa

crescente mudança, visando fins lucrativos, afasta torcedores de menor poder aquisitivo, transformando o futebol em um esporte elitista, de espetacularização e político. Os sentidos que circulam nessas SDs são evidenciados pelas palavras negritadas, como **elitização**, **mercantilização** e **espetacularização**, que dão suporte à ideia da autora de compreender o futebol *moderno* como uma **indústria bilionária**.

Portanto, percebemos a tendência de relacionar o aspecto neoliberal de mercado ao futebol *moderno* como uma regularidade nas sequências discursivas analisadas. Na seção que segue, analisaremos a segunda regularidade encontrada nos textos.

#### **4.2 Eixo 2: Futebol como paixão pelo velho em ruptura com o novo**

Compreendemos, na seção anterior, uma das regularidades encontradas nas reportagens que servem de material de análise dessa pesquisa, seguindo pelas sequências discursivas destacadas como nosso *corpus*. Nesta seção, vamos dar sequência à análise seguindo pela segunda regularidade. Portanto, é necessário retomar novamente alguns conceitos sobre o que podemos compreender por *moderno*.

Sendo assim, vale considerar que, em Peters (2000), podemos ver que há o pressuposto de que o *moderno* é melhor que o velho porque ele vem depois na sequência de desenvolvimento histórico, ou seja, é implícito aceitar o que vem depois da “ruptura” seja melhor que o seu antecedente. Seguindo por esse último raciocínio, na filosofia, é possível interpretar o modernismo como “crença do avanço do conhecimento”, através da ideia de Kant de que “o avanço do conhecimento exige que as crenças tradicionais sejam submetidas à operação da crítica” (PETERS, 2000, p.13). Ou seja, para que algo seja determinado como *moderno*, é necessário que haja uma operação específica que o determine.

É válido ressaltar, ainda, que, mesmo sendo comum esse entendimento de avanço de conhecimento, é correto afirmar que não há uma regra que determine que tudo que é *moderno* seja melhor. Sendo esta compreensão apenas um pressuposto,

como mencionado anteriormente, dada a ordem de desenvolvimento histórico em que é baseado, além de ser particular da compreensão do sujeito que está envolvido no contexto. Trazemos novamente para a análise a ASD1:

ASD1: “O futebol **moderno** é chato **sim**. A paixão pelo esporte perdeu espaço por uma **indústria bilionária** dominada por **ganância, exibicionismo e elitismo**.”

Podemos perceber o discurso da autora da primeira reportagem adquirindo caráter emocional como maneira de sustentar seu posicionamento. O uso da palavra “paixão”, que, nesse contexto, carrega como significado um sentimento forte intenso por algo, no trecho “A paixão pelo esporte perdeu espaço” aparece como uma justificativa para sua posição contrária ao futebol *moderno*, o colocando como *chato*, dando a entender a sua visão como espectadora, torcedora. Dessa forma, “[...] **uma indústria bilionária dominada por ganância, exibicionismo e elitismo**” é o que estaria roubando a paixão pelo esporte por parte dos brasileiros, esta é sua justificativa para a crítica que há na manchete: o que era antes motivo de emoção, agora torna-se “chato”.

Dando continuidade, o emprego da palavra *chato*, na sequência discursiva em questão, trará uma rede de sentidos importante para o prosseguimento da análise. De acordo com o Dicionário Online de Português<sup>9</sup>, *chato* pode significar algo monótono ou maçante, dentre outros registros de usos sociais. Atrelado ao presente contexto, o sentido desse adjetivo, ao ser empregado ao *moderno* que por sua vez se relaciona com o futebol, formará uma rede de possíveis dizeres. De acordo com o texto, é possível dizer que o futebol moderno é chato, pois ele passou a se comportar como uma **indústria bilionária**, deixando de ser atrativo, perdendo sua credibilidade esportiva e, até mesmo, se afastando da proposta de entretenimento que gerava essa *paixão pelo esporte*.

Esses recortes nos levam a compreender que o discurso presente em ASD1 assume que o brasileiro não compactua com as condições às quais o futebol tem sido submetido. As palavras **ganância, exibicionismo e elitismo** reforçam essa ideia, ou seja, aquele esporte que costumava ser a *paixão* dos torcedores, como

<sup>9</sup>Informação disponível em <<https://www.dicio.com.br/chato/>>. Acesso em: 05 mar. de 2021.

visto anteriormente, está sendo substituído por um esporte que somente visa lucro, por ser, atualmente, uma **indústria bilionária**. Portanto, a percepção de Peters (2000) não é como a autora da reportagem A enxerga, visto que, para ela, o *moderno* não veio para melhorar o futebol, indo na direção contrária do que o autor diz sobre o desenvolvimento histórico. Essa ideia é reforçada na ASD6, trecho importante nesse fio da análise:

*ASD6: A vaidade, a ganância e o egoísmo, atualmente, também são marcas registradas entre jogadores e comissões técnicas, que promovem um futebol mais individualista, marqueteiro e mimado. E a cada partida, o esporte apaixonante vê sua chama se apagar e o coração de seus torcedores baterem de maneira menos vibrante. A cada minuto, o futebol está mais frio, distante e vendido.*

Nessa SD, a autora atribui características aos profissionais e atletas que praticam o futebol nos dias atuais. O trecho *jogadores e comissões técnicas, que promovem um futebol mais individualista, marqueteiro e mimado* traz dizeres que percorrem uma rede de sentidos que possibilita imaginar um distanciamento do lado jornalístico por parte da autora e, mais uma vez, um reforço a esse caráter emocional, pois agora o esporte está **menos vibrante e frio, distante e vendido**. Essas características fazem parte de uma rede de sentidos que mostram a visão de uma torcedora e possibilita dizeres que circulam nos discursos dos torcedores.

Essa rede de paráfrases que é criada em ASD6, atravessa o interdiscurso que é possível perceber na reportagem A, em que a autora se apropria de formações discursivas do campo de torcedores e aplica em uma notícia, de forma a explicitar sua opinião. Porém, há um esquecimento no momento em que podemos notar que existem outros dizeres possíveis, e a autora faz o uso do discurso emotivo, vinculado à paixão pelo futebol, característica, pois, das FDs futebolísticas. Para seguir a análise, vamos para o segundo recorte da reportagem A, em que constata-se, detalhadamente, a forma como a autora enxerga o esporte nos dias atuais:

*ASD2: Nos últimos anos, o esporte centenário que fascina multidões, ganhou uma*

*roupagem mais moderna, técnico, sério e profissional demais; e o verdadeiro “futebol arte” foi ofuscado pela elitização, mercantilização e espetacularização. E, sinceramente, tornou-se bastante chato.*

É possível notar que essa correlação que há entre *futebol moderno x futebol arte* – trazido no recorte – elucida a intenção de tencionar a *roupagem moderna* como pior. Na ASD2, podemos ver mais um dizer que se relaciona à *paixão* citada na ASD1. Através de paráfrases, percebemos que o trecho ***fascina multidões*** conecta-se diretamente com as redes de sentidos que emergiram com os dizeres sobre a *paixão pelo esporte*. Como sabemos, a paixão pelo futebol no Brasil vem de longo período, e cresceu por conta dos anos de glória da seleção nacional de futebol vividas no passado, o que remete diretamente na opinião da autora, que traz um discurso carregado pelas formações discursivas que constituíam aquela época.

Com base nisso, o texto atribui algumas características ao que compreende como *roupagem mais moderna*, e, ao fazê-lo, acaba por estabelecer um contraste. Os adjetivos ***técnico, sério e profissional demais*** supõem que o esporte tenha mudado de forma que não mais interessa ao público, uma vez que, na visão da autora, antigamente, o que poderia ser motivo de atração era a “*arte*” presente no futebol. Vemos uma justificativa da posição contrária ao aspecto *moderno* do futebol, levando a entender que o mercado é o grande vilão desse “futebol arte”, como mencionado anteriormente.

Nessa base, vemos funcionando o esquecimento enunciativo. Ao comparar o futebol *moderno* ao anterior, a autora atribui ao segundo a palavra “*arte*”, contrastando futebol arte x futebol *moderno*, e, ao fazê-lo, deixa a impressão de que a “*arte*” do futebol de antigamente não o faz ser profissional, nem técnico ou sério. Desse modo, como traz Orlandi (2015), inconscientemente, ela esquece de dizeres que trariam o mesmo significado, porém continuariam atribuindo profissionalismo ao esporte, como por exemplo relacionar os dizeres *bonito, habilidoso, plástico* à palavra arte. Passamos agora à ASD5:

ASD5: *Além disso, em campo, a tecnificação do futebol também contribuiu para engessar e tornar os jogos impressionantemente tediosos. Os comandantes de*



*terno e gravatas, que não perduram mais que três derrotas no clube, mergulham em cursos profissionalizantes e se munem de tablets e aplicativos para avaliarem a **eficiência** do seu time enquanto a bola rola.*

A ASD5 parte para outra rede de sentidos presente no texto da reportagem A. Assim como as SDs anteriores, ela também acessa interdiscursos técnicos sobre o futebol, e deixa claro que o motivo para o *moderno* atrelado ao esporte ser *chato* é pela sua modernização na forma como ele é praticado. O trecho *a **tecnificação** do futebol contribuiu para engessar e tornar os jogos impressionantemente **tediosos*** tem um discurso que possibilita relacionar toda a rede de sentidos presentes no decorrer do texto. Uma vez que a palavra *tedioso* entra como um sinônimo para a palavra *chato*, é estabelecido entre elas uma rede parafrástica que possibilita esses dizeres emergirem no discurso da reportagem A.

Para completar esse raciocínio, vamos marcar um contraste com a reportagem B, que exemplifica o que pode-se entender pela ***tecnificação** do futebol*, estabelecendo outra rede de paráfrases com dizeres que seguem essa mesma rede de sentidos. Vejamos a BSD2:

**BSD2: *Perde e pressiona, intensidade, triangulação, posicionamento defensivo, posse de bola, pressão alta, superioridade numérica. Estes são termos muito usados para explicar o futebol moderno, e a tendência é que ganhem espaço no dicionário da Seleção Brasileira a partir da era Tite***<sup>10</sup>.

Logo no início da BSD2 vemos dizeres atrelados à parte técnica do futebol *moderno*. É possível perceber, a partir desses termos, a ruptura com o velho, marcando o contraste velho x novo. Se ***intensidade, triangulação, posicionamento defensivo, posse de bola, pressão alta, superioridade numérica*** são aspectos da nova roupagem do futebol, podemos compreender que características contrárias ou, ao menos, diferentes fazem parte da *tecnificação* antiga do esporte. Sendo assim, vemos que o que pode ser dito sobre o *moderno* quanto à parte técnica e tática do futebol é que ele precisa ser intenso, ter

<sup>10</sup>Técnico da seleção brasileira de futebol masculino em 2021.

triangulações, posicionamento defensivo, posse de bola, pressão alta e superioridade numérica.

Essa sequência discursiva destaca sentidos importantes sobre o *moderno* para a sequência dessa análise, por se tratar da reportagem B, em que o autor se posiciona a favor do futebol *moderno* e toda essa roupagem técnica. A posição dele está presente na trama de todo texto, mas pode ser vista mais explicitamente na manchete da reportagem, recortada como BSD1, segue:

**BSD1:** *Futebol moderno, sim senhor! A Seleção precisa disso.*

Em BSD1, além de se posicionar, logo na manchete da notícia, o autor ainda implica onde o futebol *moderno* seria importante, que na situação, seria na seleção brasileira de futebol masculino. Para ele, há uma necessidade de aplicação desse *moderno*, o que nos leva a compreender que é preciso romper essa relação com o antigo, dando espaço para o novo. O discurso da reportagem B no trecho em análise traz esse sentido do mesmo modo como a manchete da reportagem A, analisada em ASD1, na seção anterior, através do advérbio de afirmação *sim*, recuperando toda uma cadeia de dizeres, inclusive os que são de posição contrária, marcando o interdiscurso.

Diante disso, podemos evidenciar que a reportagem B também conversa com outros discursos, levando em consideração que, dessa vez, ele tem posicionamento a favor. Nessa ideia, o autor explica que essa manchete tem teor provocativo, e abrange o campo do *moderno* em sua percepção. Em sua visão, é possível dizer que a marca de *moderno* que regula a análise dessa seção, no sentido técnico e paixão ao novo, abraça não somente a tecnificação do esporte, mas também de todo o meio que o envolve. Vejamos a próxima SD:

**BSD3:** *Apesar do título provocador deste texto, espero sinceramente que o preconceito existente em relação a termos modernos para analisar futebol acabe. Porque, também, resulta em críticas injustas e infundadas a coletivas de imprensa de alguns profissionais.*

Em BSD3, entendemos que há um preconceito na maneira favorável pela qual o autor vê o futebol *moderno*. Ou seja, o rompimento do velho com o novo, afeta não só jogadores e mercado, torcedores e consumidores, mas também todo o meio envolvido no esporte, como jornalistas responsáveis pela imprensa e outros profissionais do ramo esportivo da televisão e *internet*. No trecho *espero sinceramente que o **preconceito** existente em relação a termos **modernos** para analisar futebol acabe* o autor traz a ideia de que o *moderno* no futebol não será mais só uma ação, mas também uma visão, afetando o modo como ele é analisado.

Portanto, nesta seção, foi possível perceber que existe outra regularidade quanto ao discurso sobre o futebol atrelado à marca discursiva *moderno*. Essa regularidade está no âmbito da paixão pelo novo, e é indicada, nos textos, na ruptura velho x novo, acessando discursos emocionais ligados à paixão pelo futebol. Esses discursos são parte de formações discursivas e de imaginários que emergem no campo de discursos de torcedores, por isso há essa conexão com o lado emocional, uma vez que o brasileiro tem forte ligação cultural com o futebol.

## 5. Conclusão

Com a elaboração do presente artigo, objetivou-se perceber nas Reportagens A, intitulada “Futebol *moderno* é chato sim”, encontrada no *site* da revista Carta Capital, e B, intitulada “Futebol *moderno*, sim senhor! A seleção precisa disso”, encontrada no *site* da ESPN, efeitos de sentido sobre futebol moderno que emergem a partir da leitura desses textos, em sequências discursivas metodologicamente selecionadas para o *corpus*.

Esses sentidos foram analisados à luz da marca linguística *moderno*, e foi possível interpretar duas grandes regularidades de sentidos produzidos, que foram postos em dois eixos. São eles: Eixo 1) O futebol *moderno* como mercado, em que foi observado a regularidade de projeção mercadológica ao *moderno* no âmbito do futebol; e Eixo 2) Futebol como paixão pelo velho em ruptura com o novo, em que foi possível perceber a aquisição de um discurso de caráter emocional às margens da ruptura do velho com o novo, vinculado à paixão do brasileiro pelo esporte.

Na etapa de separação das sequências discursivas e de análise, foi

interpretado que essas regularidades não apareciam de forma igual nos textos. Percebemos que a regularidade de atribuição de futebol mercado ao futebol *moderno* circulava somente na reportagem A. Já a segunda, de paixão ao velho, estava presente em ambas as reportagens, e isso refletiu na quantidade de SDs selecionadas dos textos, deixando a reportagem B com um número inferior de seqüências discursivas a serem analisadas.

A primeira regularidade encontrada foi a de atribuir ao futebol *moderno* projeções mercadológicas com tendências neoliberais. Os sentidos dessa regularidade são produzidos através de redes parafrásticas encontradas nas SDs da reportagem A, em que a autora se desloca entre formações discursivas que sustentam a visão de futebol mercado. Nessa projeção mercadológica, foi possível interpretar que o discurso que reverbera é o de que o futebol está, nas palavras da autora, chato. Argumentando isso, ela acessa o interdiscurso que percorre essa linha de compreensão que tende a acreditar na mercantilização do esporte, convocando sentidos negativos para o futebol *moderno*.

Em decorrência disso, o futebol passa a ser menos acessível aos torcedores de baixa renda, de modo que impossibilita a presença frequente em estádios para acompanhar aos jogos e aquisição dos produtos do clube para qual torce. Com o foco voltado ao lucro, o futebol, vestido de mercado, assume posição elitista, afastando o público de baixa renda.

Como segunda regularidade encontramos a paixão pelo velho. Essa tendência evidencia uma marca na aceitação do futebol somente até o momento em que há uma ruptura entre o velho e o novo, ou seja, no momento em que surge o futebol *moderno*, é terminada a paixão pelo esporte. Essa marca, paixão pelo velho, é vista em ambas as reportagens, e, através dela, notamos que são acessadas formações discursivas que retomam dizeres antigos, comuns na época em que a seleção brasileira de futebol costumava se sobressair perante às outras. Dessa maneira, os textos se apoiam nos interdiscursos que sustentam sua paixão pelo esporte, evidenciando a paixão pelo velho.

Assim como todo esporte, o futebol também sofreu mudanças. Entendemos que a ruptura entre o velho e o novo, percebido nas reportagens, ocorre no momento em que mudanças mais drásticas passam a ser mais constantes. O uso de

tecnologia, por exemplo, é um fator que marca essa ruptura.

A tecnologia não só sendo aplicada no esporte, mas também por proporcionar uma facilidade de acesso a grande parte do mundo. Se há meios para os torcedores no conforto de suas casas assistirem à partidas de futebol de qualquer parte do mundo, haverá também maior número de investidores em propagandas e divulgação de suas marcas, e conseqüentemente o dinheiro envolvido vai aumentando. Assim, quando ocorre o uso dessa

Com a análise dessas duas reportagens, foi possível perceber à luz da marca discursiva *moderno*, que o discurso futebolístico movimentava grandes possibilidades de interpretações por evidenciar redes de sentidos diferentes sobre o tema, e isso ocorre pois o futebol e a linguagem se permeiam durante o cotidiano do brasileiro, por se tratar de uma importante manifestação cultural do país. Sob as concepções da Análise de Discurso, constatamos que esse campo da linguagem dispõe de grande relevância acadêmica, pelo fato de haver uma permutabilidade entre a linguagem do cotidiano com a linguagem futebolística, de modo que torne importante estudar como ela se comporta.

Ademais, foi possível notar que toda essa rede de sentido gerada pelo termo *moderno*, bem como a rede de paráfrases encontrada na análise, no âmbito do discurso futebolístico, suscitam uma europeização do futebol com aspecto de *moderno*. Essa europeização se passa no momento em que a moeda brasileira tem seu valor diminuído. Assim, os profissionais envolvidos nesse meio futebolístico tendem a seguir o caminho de outros continentes, por buscarem uma melhor remuneração financeira.

Desse modo, pudemos perceber que toda a roupagem adquirida pelo futebol nos tempos atuais foram iniciados no continente europeu, estabelecendo os países da Europa como os principais modelos para o restante dos países seguirem. Ou seja, a modernização do futebol está diretamente ligada ao modelo europeu de gestão e prática desse esporte. Em consequência de ter a melhor remuneração do esporte, os profissionais que vão para a Europa são, de costume, os que têm maior destaque, sendo assim, maior poder de visibilidade, atraindo marcas e, em decorrência disso, mais dinheiro.

Seguindo esses moldes, houve uma certa facilidade para a Europa

estabelecer seu modelo como o principal do esporte no mundo, uma vez que, quando concentrado os melhores profissionais, as maiores e mais ricas marcas, todos os olhos estarão voltados para o mesmo lugar, e isso acarreta em um poder de controle que transforma o futebol nesse modelo *moderno*.

Portanto, com essa pesquisa pudemos interpretar que o que pode ser dito sobre o futebol *moderno*, através da análise de duas reportagens, é que ele tem tendências mercadológicas com fins lucrativos e esse direcionamento tem rompido a paixão do torcedor pelo esporte, acabando por afastá-los. Esses sentidos se reverberam a partir de interdiscursos que são acessados de forma a atribuir ao esporte a interpretação dos sujeitos que se os acessam. Os discursos se constituem de modo a permitir todos os dizeres presentes nas reportagens, criando possibilidades de sentido, como interpretado na pesquisa.

## Referências

BACK, A. C. P.; FREITAG, R. M. K.; MAGO, D. D.; ROST SNICHELOTTO, C. A.. Classificação das seqüências discursivas em entrevistas sociolinguísticas. *In*: 6º Encontro do Celsul, 2004, Florianópolis. **Anais do 6º Encontro do Celsul - Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**. Florianópolis, 2004.

CERQUEIRA, P. Sufixo ismo. **Gramática e Cognição**. 2017. Disponível em: <https://gramaticaecognicao.com/sufixo-ismo/>. Acesso em: 17 de dez. de 2020.

DIANA, D. Produção de Textos. Gênero Textual Blog. **Toda Matéria**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/genero-textual-blog/#:~:text=Principais%20Caracter%20C3%Adsticas%20do%20Blog&text=Neles%2C%20al%C3%A9m%20de%20texto%2C%20as,linguagem%20verbal%20e%20n%C3%A3o%2Dverbal.&text=Ou%20seja%2C%20pode%20apresentar%20uma,linguagem%20mais%20cuidada%20ou%20formal>. Acesso em: 21 de dez. de 2020.

**ÉPOCA NEGÓCIOS**. Na janela mais bilionária da história, transferências no futebol atingem R\$ 15 bi. 2017. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Marketing/noticia/2017/09/na-janela-mais-bilionaria-da-historia-transferencias-no-futebol-atingem-r-15-bi.html>. Acesso em: 25 de fev. de 2021.

**GOAL**. O valor de Neymar: quanto ganha e qual o patrimônio do craque brasileiro. 2020. Disponível em: <https://www.goal.com/br/not%C3%ADcias/neymar-quanto-recebe-salario-psg-patroc%C3%ADnios-patrimonio/kcyq8yyj4tl01q5d1r1ty7uu7>. Acesso em: 25 de fev. de 2021.

GODOI, M. R. A mídia e a construção dos heróis esportivo: análise de publicidades

com Ronaldo “fenômeno”. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, v. 33 n. 3. Porto Alegre, jul/set 2011.

HOFMAN, G. Futebol moderno, sim senhor! A seleção brasileira precisa disso. **ESPN**, 30 de ago. de 2016. Disponível em: [http://www.espn.com.br/blogs/gustavohofman/626778\\_futebol-moderno-sim-senhor-a-selecao-precisa-disso](http://www.espn.com.br/blogs/gustavohofman/626778_futebol-moderno-sim-senhor-a-selecao-precisa-disso). Acesso em: 20 de out. de 2019.

LAVIERI, D; MIRANDA, L. Cinco anos do Allianz Park. Estádio inaugurou nova era na história do Palmeiras. É o modelo de parceria para novas Arenas? **Uol Esportes**. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/cinco-anos-do-allianz-parque/#page5>. Acesso em: dez. de 2020.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1995.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

Premier League faturou R\$ 33 bilhões e foi campeonato mais rico de 2019, mas tem ameaça bilionária com COVID-19. **ESPN**, 2020. Disponível em: [https://www.espn.com.br/futebol/artigo/\\_/id/7032940/premier-league-faturou-r-33-bilhoes-foi-campeonato-mais-rico-2019-mas-tem-ameaca-bilionaria-covid-19](https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_/id/7032940/premier-league-faturou-r-33-bilhoes-foi-campeonato-mais-rico-2019-mas-tem-ameaca-bilionaria-covid-19). Acesso em: 25 de fev. de 2021.

**RED BULL. Site Oficial**. 2021. Disponível em: <https://www.redbull.com/br-pt/energydrink/empresa-red-bull>. Acesso em: 25 de fev. de 2021.

REIS, R. Até onde a Red Bull pode ir no futebol? **Uol Esportes**, 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rafael-reis/2020/01/24/ate-onde-a-red-bull-pode-ir-no-futebol.htm>. Acesso em: 25 de fev. de 2021.

SILVA, N. R. da. Práticas de leitura: a utilização do blog em sala de aula. **Texto Digital**, Florianópolis, ano 2, n. 2, dez., 2006.

SIMÕES, I. Clube empresa: Quem são os donos do negócio no futebol. **Trivela**, 2020. Disponível em: <https://trivela.com.br/brasil/clube-empresa-quem-sao-os-donos-do-negocio-no-futebol/>. Acesso em: 23 de fev. de 2021.

SORRINI, T. B. O Futebol moderno é chato sim: a paixão pelo esporte perdeu espaço por uma indústria bilionária dominada por ganância, exibicionismo e elitismo. **Carta Capital**, 08 de jan. de 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/futebol-por-elas/o-futebol-moderno-e-chato-sim/>. Acesso em: 20 de out. de 2019.

## ANEXOS

### ANEXO 1

Reportagem A:

**O futebol moderno é chato sim.**

**A paixão pelo esporte perdeu espaço por uma indústria bilionária dominada por ganância, exibicionismo e elitismo.**

Transformações sociais, econômicas e tecnológicas mudaram o mundo, e conseqüentemente o futebol também. Nos últimos anos, o esporte centenário que fascina multidões, ganhou uma roupagem mais moderna, técnico, sério e profissional demais; e o verdadeiro “futebol arte” foi ofuscado pela elitização, mercantilização e espetacularização. E, sinceramente, tornou-se bastante chato.

Desde a década de 80 o futebol moderno vem ganhando força dentro e fora dos gramados do mundo. Não só tecnicamente, mas principalmente pelo fato do esporte que antes era agregador e democrático, ser hoje uma indústria bilionária dominada por ganância, exibicionismo e elitismo.

Os charmosos estádios, com suas acolhedoras arquibancadas de cimento e os desgastados alambrados, que antes eram palco do futebol simples e artístico, tiveram suas cortinas fechadas e transformaram-se em monumentais e inovadoras arenas.

O público que assiste ao espetáculo tático e operacional é controlado e ocupa cadeiras numeradas, nada de bandeirões, sinalizadores e instrumentos musicais, muito menos bebidas alcoólicas.

Uma grande porção da plateia assume a postura da tendência europeia, onde a euforia no ato do gol é retribuída ao artista, vulgo goleador, com uma contida salva de palmas de aprovação. Inclusive, entre um lance e outro, desembolsam oito, dez ou vinte reais para saborearem um picolé, um saquinho de pipocas ou um copo de refrigerante.

Vale ressaltar que esses espectadores são, em sua maioria, aqueles que investem uma bagatela em programas de fidelidade dos clubes para terem



preferência na compra de ingressos e que também se submetem a pagarem valores exorbitantes para assistirem aos jogos de futebol.

As arenas tornaram-se uma barreira social e excluíram os torcedores sem condições financeiras de participarem da festa, calando seus gritos de amor pelo time. A torcida, hoje mais consumidora do que incentivadora, deixou de ser aquele décimo segundo jogador em campo capaz de determinar o resultado final de uma partida.

Além disso, em campo, a tecnificação do futebol também contribuiu para engessar e tornar os jogos impressionantemente tediosos. Os comandantes de terno e gravatas, que não perduram mais que três derrotas no clube, mergulham em cursos profissionalizantes e se munem de tablets e aplicativos para avaliarem a eficiência do seu time enquanto a bola rola.

Os lances são minimamente analisados por eles e por árbitros de vídeo (VAR), que obrigam os torcedores a esperarem sofridos minutos para comemorem o gol após a bola entrar na rede, enquanto o fato passa por um minucioso raio x sob os olhos atentos de diversos juízes. O coração precisa de paciência e a euforia é extravasada com delay.

Dentro das quatro linhas o individualismo, a vaidade e a mesquinha também se sobressaem, fruto da constante injeção de dinheiro por parte de empresas e patrocinadores que veem no esporte uma fonte muitíssimo lucrativa.

Hoje, todos sabem, que o jogador que entra em campo é aquele que tem por trás o empresário mais influente e não aquele atleta mais habilidoso. E isso se reflete diretamente nas categorias de base da maioria dos clubes brasileiros, onde os pequenos sportistas respiram esse ambiente ambicioso e longe de vestirem a camisa da seleção brasileira, sonham primeiro com os grandes clubes europeus pelas oportunidades milionárias. Essa exposição ao dinheiro rápido e fácil inflama o ego e distancia as futuras gerações das suas raízes.

Às vezes, o corte de cabelo chamativo, a chuteira estilosa, os brincos de diamantes, a propaganda para uma determinada marca na televisão, a quantidade de seguidores nas redes sociais e o número de curtidas em publicações são mais relevantes que fazer o gol que pode definir o campeonato, acertar aquele pênalti decisivo, driblar o adversário com genialidade, defender com perfeição uma falta

perigosa, dar uma boa entrevista diante da imprensa e até mesmo autografar a camisa do seu torcedor.

E essa egolatria é ainda mais estimulada quando técnicos, ao invés de formarem profissionais maduros, passam as mãos na cabeça de determinados jogadores enquanto são sabatinados em entrevistas coletivas para pouparem o seu emocional.

E assim, conseqüentemente, meninos mimados criam uma relação fria e distante com a imprensa e seus admiradores, não dando à cara a tapa quando a vitória não vem, quando o rebaixamento está próximo ou simplesmente quando não tiveram uma boa atuação na partida do dia. É bastante preocupante, pois são esses os ídolos das crianças e aqueles que vestem com paixão (?) a camisa canarinho.

Nitidamente, a infiltração de interesses empresariais no esporte e a conseqüente modernização do futebol tornaram a modalidade uma barreira social, segregando o público da sua fonte de lazer, distanciando dos estádios as camadas sociais de menor poder aquisitivo e privilegiando os endinheirados.

A vaidade, a ganância e o egoísmo, atualmente, também são marcas registradas entre jogadores e comissões técnicas, que promovem um futebol mais individualista, marqueteiro e mimado. E a cada partida, o esporte apaixonante vê sua chama se apagar e o coração de seus torcedores baterem de maneira menos vibrante. A cada minuto, o futebol está mais frio, distante e vendido.

Esse é o futebol moderno. Esse é o futebol chato.

## ANEXO 2

Reportagem B:

### **Futebol moderno, sim senhor! A Seleção precisa disso**

Perde e pressiona, intensidade, triangulação, posicionamento defensivo, posse de bola, pressão alta, superioridade numérica. Estes são termos muito usados para explicar o futebol moderno, e a tendência é que ganhem espaço no dicionário da Seleção Brasileira a partir da era Tite. Logo em seu primeiro treinamento à frente do time, o treinador já deu claras indicações para isso.

Tite estreia pelo Brasil em um jogo muito complicado contra o Equador. A Seleção não vence em Quito desde 1983; Pelas Eliminatórias, ficou no 1 a 1 em 2010 e perdeu por 1 a 0 em 2006 e 2002. Some a isso o fato de a equipe viver ótimo momento na classificação e ter grandes jogadores, como Enner Valencia, Miller Bolaños e Jefferson Montero. O empate, somado à vitória contra a Colômbia, garante um ótimo início de trabalho.

No final de tarde desta segunda-feira, o técnico brasileiro comandou um treinamento bastante intenso no estádio Casa Blanca, da LDU, na capital equatoriana. Não pôde contar com o elenco completo ainda, mas aproveitou bastante o tempo que teve com os atletas.

As situações de perde e ganha, treinadas no campo reduzido, as jogadas de bola parada defensiva, com boa indicação de time titular, e por fim o trabalho de posicionamento e flutuação da linha de defesa com o meio-campista à frente, deram sinais claros de que o treinador vai apostar em pontos específicos para dar cara de time aos 11 escolhidos para quinta-feira.

Sobre esses 11, como escrevi, temos indicações: Daniel Alves e Marcelo nas laterais; Gil como titular; Casemiro, Paulinho e Renato Augusto pelo meio; Além, claro, de Neymar no ataque. Restam dúvidas ainda.

São apenas três treinos, logo, Tite não conseguirá passar todas suas ideias e conceitos. Mas pelo que pude perceber, vai trabalhar intensamente a questão defensiva e a recuperação rápida da bola, para uma consequente transição ofensiva eficiente. Provavelmente aposta que conseguirá, apesar do limitado tempo, dar cara de time à Seleção logo na estreia. A tática existe para potencializar as individualidades dos atletas.

Apesar do título provocador deste texto, espero sinceramente que o preconceito existente em relação a termos modernos para analisar futebol acabe. Porque, também, resulta em críticas injustas e infundadas a coletivas de imprensa de alguns profissionais.

Quanto maior o nível de conhecimento de todas as partes envolvidas no futebol, da imprensa aos treinadores, melhor será o debate e, naturalmente, a evolução do jogo. A Seleção Brasileira merece.